



SOB A MIRA DO EIXO: A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL NO EXTREMO SUL DA BAHIA

Tharles S. Silva¹

A Segunda Guerra Mundial (1939-1945) é, sem dúvidas, um dos mais importantes fenômenos da história humana. Sua abrangência e desdobramentos moldaram toda a segunda metade do século XX. Seus efeitos ainda podem ser percebidos nos dias atuais, no que tange às relações econômicas e políticas entre os diversos Estados, nos desenvolvimentos técnicos e científicos posteriores ao conflito e mesmo em termos culturais².

Maior conflito bélico da história humana, os campos de batalha da guerra se estenderam por todos os continentes habitados, contando com a participação de forças armadas e brigadas de voluntários dos mais variados tipos de mais de 54 países. Dentre os quais, o Brasil. Embora a participação de nosso país seja um fato muito conhecido pelos brasileiros de forma geral, nem todos têm noção da real dimensão de nosso envolvimento na guerra. O caso mais lembrado é o envio da Força Expedicionária Brasileira (FEB), composta por pilotos da Força Aérea Brasileira e soldados do Exército. No total, um contingente de 25 mil homens foi enviado para combater no norte da Itália. A FEB operou entre 1943 e 1945 e as batalhas mais conhecidas nas quais se envolveu foram as de Monte Castelo, Turim e Montese.

A participação brasileira, embora pouco celebrada no Brasil, foi memorável. Os soldados da FEB participaram de importantes operações ao lado das tropas Aliadas. Enquanto os praças do Exército tomaram parte na captura de diversas cidades e foram responsáveis pela rendição de mais de 14 mil soldados alemães, a Força Aérea Brasileira participou de quase 3 mil operações, sendo 445 missões e mais de 2 mil saídas ofensivas (ataques). Ao todo, 471 soldados morreram em combate e 12 mil foram feridos. Este número é considerado pequeno, devido ao tamanho do contingente, as condições de combate e o período de operação.

Com os avanços nas pesquisas sobre a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, diversos fatos desconhecidos têm vindo à tona e ampliado nosso conhecimento a

¹ Graduado em História pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação em História Regional e Local da mesma instituição. Professor do Evolução Centro Educacional e do Colégio Aprovação.

² Uma rápida análise na abordagem sobre esse tema feita pela cultura pop, principalmente a indústria cinematográfica, nos ajuda a constatar o quanto a Segunda Guerra Mundial permanece viva em nossas sociedades.



respeito da temática. Além dos estudos acadêmicos e amadores, canções e filmes têm sido produzidos sobre o tema, ressaltando a importância desse conflito em nossa história³.

Ao contrário do que comumente se discute, a participação brasileira na guerra não foi fruto apenas das pressões do governo dos Estados Unidos, mas de uma combinação de fatores. De fato, temendo alianças entre os países americanos e os do Eixo (Alemanha, Itália inicialmente e posteriormente Japão), os EUA estreitaram relações políticas e econômicas com as nações latinas. Lançando mão da antiga Doutrina Monroe, os Estados Unidos tentaram garantir o isolamento do continente americano face aos problemas bélicos europeus. As nações latinas ratificaram a pretensão americana através da declaração conjunta de neutralidade, feita pelos chanceleres e representantes dos países americanos, em outubro de 1939 – logo após o início das hostilidades⁴.

No entanto, o plano foi frustrado. Primeiro, porque embora neutros, as relações políticas e econômicas dos países latinos com os europeus permaneceram fortes e se intensificaram de acordo com as preferências políticas locais, totalitárias ou liberais, o que na prática era um apoio velado. Segundo, o rompimento das relações diplomáticas de alguns países com os do Eixo, devido a incidentes bélicos como ataques a embarcações mercantes, fez destes potenciais alvos dos alemães e italianos e os arrastou para a guerra. Terceiro, os Estados Unidos foram arrastados para o conflito após o ataque japonês à base de Pearl Harbor, no Havaí, em 7 de dezembro de 1941. Esse conjunto de fatores fez com que o palco de operações do conflito se estendesse ao continente americano, no Atlântico e no Pacífico e de norte a sul.

Foi nesse contexto, que o Brasil se transformou alvo de um verdadeiro cerco de submarinos alemães e italianos, entre 1941 e 1943. Ao todo, 35 navios brasileiros foram atacados, dos quais 33 afundaram, e cerca de 1074 pessoas morreram, entre tripulantes e passageiros⁵.

Embarcações de outros países da América também foram atacadas. O objetivo dos países do Eixo era bloquear os suprimentos que eram enviados para os países Aliados e para os Estados Unidos que, embora oficialmente neutro, apoiava abertamente a França e a Inglaterra.

³ Recentemente tem ganhado notoriedade o caso dos “três heróis brasileiros”, devido à produção do filme “A estrada 47”. O filme conta a história de três soldados brasileiros, que sozinhos combateram uma companhia alemã, em abril de 1944. Vencidos pelos, os três foram enterrados com honras militares, e sobre suas lápides os alemães cunharam o epitáfio *drie brasilianische helden*, “os três heróis brasileiros”.

⁴ PEREIRA, Lourenço Durval. *Operação Brasil: o ataque alemão que mudou os rumos da Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Contexto, 2015, p. 62.

⁵ ARANTES, Marcus Vinícius de Lima. *Torpedo: o terror no Atlântico*. Rio de Janeiro: Livre Expressão, 2012, p. 53-154.



A estratégia ítalo-germânica era privá-los do abastecimento de alimentos, armas, medicamentos e matéria prima para a indústria bélica. Cortar a linhas de abastecimento dos Aliados seria fundamental para a vitória do Eixo na guerra.

O Brasil, de forma especial, se tornou alvo dos ataques do Eixo porque era um importante exportador de matérias primas e possuía estreitas relações comerciais com os Estados Unidos. Contraditoriamente, Getúlio Vargas era ideologicamente mais próximo dos regimes totalitários nazifascistas do que do liberalismo americano.

Porém, a estratégia ítalo-alemã não deu certo. Os Estados Unidos estabeleceram acordos comerciais e pactos de cooperação militar para reforçar seus laços políticos e econômicos com os demais países americanos e espalharam bases aéreas e navais pela costa atlântica. A partir disso, foram estabelecidos grandes perímetros de defesa contra os submergíveis alemães e italianos. Além disso, as agressões nazifascistas fizeram com que muitos países latinos declarassem guerra à Alemanha e Itália e enviassem forças militares para combater na Europa e na Ásia, engrossando as fileiras das forças Aliados.

Foi nesse contexto que o Brasil declarou guerra à Alemanha e Itália, em 31 de agosto de 1942, após o afundamento de seis navios brasileiros em menos de um mês. E assim começou oficialmente a história do Brasil no maior conflito da humanidade.

O discurso de guerra difundido pelo Estado brasileiro, pautado na luta pela liberdade e na necessidade de cooperação e sacrifícios nacionais fez com que a opinião pública apoiasse o nosso envolvimento e se convencesse de que a guerra era justa necessária. Tal retórica, uma reverberação dos discursos proferidos pelos governantes dos países Aliados, foi forte o suficiente para convencer brasileiros a atender aos apelos do Estado Novo.

Participamos de operações no Atlântico e na Europa. No entanto, as batalhas em campos europeus são as mais lembradas, ao passo que nossas ações atlânticas permanecem quase desconhecidas do público em geral. Não só as operações no Atlântico são esquecidas, mas os locais em que elas aconteceram, também.

Tendo isso em mente, nosso objetivo é analisar as formas pelas quais um desses locais esquecidos – a região do Extremo Sul da Bahia – se envolveu nesse conflito e como essa retórica de guerra mobilizou sua população.



A Segunda Guerra Mundial atingiu quase todo o litoral brasileiro e um dos episódios mais marcantes do conflito, em nossas águas, foi o torpedeamento do navio Affonso Penna, no Extremo Sul da Bahia.

No dia 2 de março de 1943, o navio Affonso Penna, de propriedade da empresa Lloyd Brasileiro, passava ao largo da costa de Porto Seguro. Seria um dia normal para a tripulação da embarcação não fosse o seguinte detalhe: o Brasil estava em guerra contra as potências do Eixo. E elas, como mencionado anteriormente, estavam fazendo um cerco naval ao litoral brasileiro.

O clima era de apreensão entre as 242 pessoas que estavam a bordo do navio, conforme os relatos dos sobreviventes. Pouco tempo antes, a embarcação havia partido de Recife seguindo um comboio militar que escoltava navios brasileiros rumo a África do Sul. Porém, seguindo seu itinerário, destacou-se da escolta em Maceió e seguiu viagem em direção ao Rio de Janeiro. A apreensão dos tripulantes não era infundada. Àquela altura 24 navios brasileiros já haviam sido atacados por submarinos alemães e italianos.

Naquele mesmo dia, também navegava pela costa de Porto Seguro o submarino italiano Barbarigo, que já havia afundado três navios na costa do Brasil, dois brasileiros e um espanhol, o cargueiro Monte Iguelo. Liderado pelo Tenente Roberto Rigoli, o submersível estava à procura de uma nova vítima.

De um lado o cargueiro brasileiro, do outro uma das mais modernas máquinas de guerra italianas do período da Segunda Guerra Mundial. O fatídico encontro das duas embarcações deixou uma das mais sangrentas memórias daquele conflito em águas brasileiras.

Na noite daquele dia (2 de março), o Barbarigo atacou o Affonso Penna, matando 125 pessoas (33 tripulantes e 92 passageiros). O navio afundou de proa (parte de frente) sem que o motor fosse desligado, de acordo com os relatos dos sobreviventes. Muitos dos botes salva-vidas foram atraídos pelas hélices da embarcação, matando diversas pessoas. O radiotelegrafista, Pedro Mota Cabral, tentou pedir socorro, mas o Barbarigo interceptou a transmissão e metralhou a cabine do oficial.

Antes de deixar as águas brasileiras, o submersível ainda afundaria mais dois navios, um do Brasil e outro dos Estados Unidos.

Os sobreviventes do Affonso Penna (117 pessoas) ficaram vagando durante alguns dias pelas águas do Extremo Sul da Bahia. Alguns botes acabaram parando nas praias de Porto Seguro e outros foram salvos por um navio-tanque americano. Os tripulantes do navio estadunidense precisaram atirar contra tubarões que cercavam os botes dos sobreviventes, antes de salvá-los.



O evento deixou marcas profundas o suficiente para que ainda hoje sejam lembradas pelos poucos sobreviventes do período da guerra. Sobre o referido ataque, relatou José Carmo dos Santos, morador do Arraial d'Ajuda (distrito do município de Porto Seguro), de 93 anos de idade, que após o ataque “deram as coisas na praia, aí muita gente de Porto Seguro achou muitos fardos de carne”⁶.

José Carmo dos Santos também lembrou da presença dos militares que guarneciam as praias de Arraial d'Ajuda e Porto Seguro. Àquela época o Extremo Sul da Bahia contava com a guarnição de cerca de 1500 soldados mineiros, dispersos entre as cidades de Belmonte Porto Seguro e Caravelas. Segundo afirmou, durante a noite os moradores eram obrigados a se recolher depois das 20 horas e a apagar as luzes de suas casas. Encontramos a mesma informação nos relatos de outro entrevistado, cujo nome nos pediu omissão e por isso nos referiremos a ele como “José X”, de 92 anos de idade. Segundo afirmou, não se “podia acender um cigarro de noite, nem acender uma lâmpada”⁷.

O toque de recolher sob o qual estavam obrigados os habitantes locais e a proibição de luzes certamente era uma tentativa de não fornecer referências da costa aos submarinos do Eixo que, entre 1942 e 1943, singraram a costa baiana. Os soldados que foram enviados para guarnecer Porto Seguro e seus distritos se preocuparam em ocupar pontos estratégicos que por ventura pudessem ser utilizados como postos de reabastecimento pelos tripulantes dos submarinos. Sobre isso, lembrou José Carmo dos Santos, “essas beradas de roça aí da praia têm muito buraco [que] eles abriam debaixo da terra (...) pra guarnecer os navio [e] pra fazer tiro”⁸.

O clima de beligerância fez com que a retórica de guerra difundida pelo Estado brasileiro reverberasse em Porto Seguro. No dia 1º de janeiro de 1943, em sessão extraordinária do Conselho Municipal, Manoel Rodrigues Coelho, à época recém empoçado prefeito foi categórico ao afirmar que,

(...) patriota é todo aquele que cumpre o seu dever, nesta hora grave, obedecendo as ordens das autoridades superiores, trabalhando mais, produzindo mais, economizando mais, tudo dentro da profissão de cada qual, seja comerciante, industrial ou operário⁹.

⁶ ENTREVISTA. José Carmo dos Santos. Arraial d'Ajuda 20/10/2016.

⁷ ENTREVISTA. “José X” (nome fictício). Eunápolis/Arraial d'Ajuda, 08/12/2016.

⁸ José Carmo dos Santos. *Op. Cit.*

⁹ ATAS do Conselho Municipal de Porto Seguro. Sessão Extraordinária. 01/01/1943, p. 59.



O prefeito utilizou o clima das hostilidades para, através da retórica de guerra, reafirmar o corporativismo pregado pelo Estado Novo, enfatizando a obediência à hierarquia social e realçando o ideal do trabalho. Prosseguindo o discurso, Manoel Rodrigues retumba o discurso beligerante, fazendo forte apelo à sociedade local para que colaborasse com os esforços nacionais de guerra. Vislumbrou, também,

[a] vitória das nações aliadas que lutam pela denodadamente para que o sol da liberdade ilumine outra vez a face do mundo e a paz tão ardentemente esperada, volte aos lares, trazendo ao seio das famílias, os seus entes queridos que lutam pela defesa da pátria ou a lembrança não menos honrosa daqueles que tombaram no cumprimento do dever, para a sobrevivência da Nacionalidade¹⁰.

Ao terminar o emocionado discurso, vivas foram dadas a Getúlio Vargas, ao Interventor da Bahia, General Renato Pinto Aleixo, a Porto Seguro e ao Brasil. Reafirmou-se assim o espírito patriótico difundido pela ditadura de Vargas, que por causa da guerra se difundia com mais facilidade entre os brasileiros. Foi sem dúvidas um episódio apoteótico, mas que aparentemente surtiu o efeito desejado. Ao lembrar dos tempos da guerra, o senhor Hermes, de 83 anos de idade, relatou que “eles [os países do Eixo] queriam acabar com o Brasil”¹¹.

A presença dos militares deixou marcas positivas na comunidade local. De acordo com o senhor Hermes, eles “se davam bem”, aludindo à relação entre os soldados e a população local. Mesmo o aparente cerceamento de algumas liberdades individuais, como o referido toque de recolher, a obrigatoriedade de manter as luzes apagadas durante a noite, a necessidade de um “passaporte” para transitar entre os distritos e o envolvimento das moças locais com os soldados, como lembrou o senhor Hermes, não foram motivos suficientes para que se criasse uma visão negativa sobre os militares¹².

Isso se deveu, possivelmente, por causa da compreensão por parte dos habitantes locais da necessidade de se fazer pequenos sacrifícios naqueles tempos de guerra, como pediu o prefeito Manoel Rodrigues, mas, também, por uma questão de fragilidade social.

O senhor Hermes lembrou-se da “sopa” dos soldados e outro entrevistado, Benedito Ramos Cassimiro, afirmou que os soldados compartilhavam com a população local o que

¹⁰ ATAS do Conselho Municipal de Porto Seguro. *Op. Cit.*

¹¹ ENTREVISTA. Senhor Hermes. Arraial d’Ajuda, 25/03/2017.

¹² Idem.



sobrava de sua alimentação. Para alguns, o momento das refeições dos soldados era um verdadeiro espetáculo público.

A situação econômica de Porto Seguro não era das mais favoráveis, nas décadas de 1930 e 1940, como unanimemente lembraram as pessoas que pudemos entrevistar. Por isso, a presença dos soldados, que a todos tratavam “como iguais”, deixou marcas positivas. Não só positivas, mas saudosas, como nas lembranças de “José X” que nostalgicamente rememorou nomes como os do Tenente Dejavá, do Capitão Delaíde e do próprio Brigadeiro Eduardo Gomes, que por lá passou quando ainda era comandante da 2ª Zona Área¹³.

O espetáculo bizarro do Affonso Penna, sua repercussão e a retórica de guerra difundida em Porto Seguro pelas autoridades locais é apenas um dos exemplos de como a Segunda Guerra Mundial atingiu o Extremo Sul da Bahia. Outro caso bem emblemático foi da cidade de Belmonte, que vivenciou todos os momentos do conflito através do jornal “Boletim Oficial”, periódico que trazia regularmente artigos, fotos, charges e anedotas da guerra.

A retórica de guerra veiculada em Porto Seguro também ecoava sobre Belmonte. No dia 15 de agosto de 1942, publicou o jornal,

Belmonte em pêso, pelo que ha de mais representativos dentro os podres constituídos, dentro as classes liberais, a classe operaria, o comercio, a industria, a lavoura, todo o seu povo, enfim, condignamente representado, enviou ao Chefe da Nação [Getúlio Vargas] uma expressiva mensagem de apoio intransigente, solidarizando-se incondicionalmente com êle neste momento de apreensões que vivemos, hora em que todos os Brasileiros devem estar atentos e estreitamente unidos, prontos para defesa resoluta da “Pátria amada”, e decididos a “preservar para os seus filhos o Brasil de seus avós”¹⁴.

Os ideais de trabalho e do corporativismo do Estado Novo foram firmemente exaltados na edição, de maneira bem semelhante à que observamos na cidade de Porto Seguro. Além disso, os editores do jornal convocaram os habitantes locais à união pela defesa da pátria. O discurso patriótico veiculada pelas autoridades, dessa forma, difundia uma retórica de guerra que visa manter a unidade nacional por meio dos esforços bélicos feitos pelo Estado brasileiro.

Belmonte era a cidade mais populosas do Extremo Sul da Bahia na primeira metade do século XX. A lavoura de cacau, escoada através do porto construído sobre o rio Jequitinhonha, era o principal recurso econômico e o grande fator de atração demográfica. Para a produção, o

¹³ Sedeada em Recife, a 2ª Zona Aérea, criada pelo Decreto-Lei 3.762, de 25 de outubro de 1942, se estendia do Ceará à Bahia.

¹⁴ BOLETIM OFICIL, Município de Belmonte. Ano 18, Nº 244, 15 de agosto de 1942, p. 2.



município contava com uma população de cerca de 26.770 habitantes, no final da década de 1930¹⁵.

A cidade tornou-se um terreno fértil para os apelos cívicos do Estado Novo. Em fevereiro de 1943, os habitantes do município participaram de duas campanhas nacionais de angariamento de fundos. No dia 6 de fevereiro, o jornal informava a doação de 162 cruzeiros do distrito de Itagi para colaborar com os esforços de guerra. No dia 27, publicou a arrecadação de 1.500 cruzeiros para a Campanha Aviatória do projeto “Azas Para o Brasil”, que tinha como objetivo expandir a aviação civil no território nacional¹⁶.

O primeiro valor, embora quase irrisório, é muito significativo. O distrito de Itagi, composto por trabalhadores agrícolas e mesmo sendo uma das áreas mais pobres do município, atendeu aos apelos nacionais e contribuiu com os esforços de guerra. Isso mostra o quão forte foi a retórica beligerante difundida pelo Estado brasileiro, fortalecida pelos ataques dos submarinos alemães e italianos às embarcações da marinha mercante do Brasil. A segunda doação não foi menos significativa. O projeto “Azas Para o Brasil” foi de fundamental importância para o desenvolvimento da aviação civil brasileira. Por meio dele, campos de pouso e aeroclubes foram criados em diversas partes do território nacional, inclusive em Belmonte, cujo hangar foi inaugurado no dia 1º de outubro de 1944, ainda no contexto da guerra¹⁷.

Além disso, Belmonte tinha um Tiro de Guerra (unidade de treinamento militar básico), o TG – 595. Por causa da unidade de treinamento, uma junta de alistamento foi implantada na cidade. Dos cidadãos belmontenses, 53 homens foram convocados para compor a Força Expedicionária Brasileira. Alguns morreram nos campos de batalha europeus, contudo, outros retornaram e foram recebidos como heróis de guerra. A capa do Boletim Oficial do dia 27 de outubro de 1945 trazia a manchete, “numa epopeia de jubilo, Belmonte recebe seu idolatrado filho”. Era uma homenagem dos editores do jornal ao soldado Alexandre Magnavita, que retornava vitorioso das campanhas do norte da Itália¹⁸.

Muitos outros fatos revelam os impactos da Segunda Guerra Mundial sobre a cidade de Belmonte. Contudo, trataremos deles futuramente. Neste momento outro caso que ainda queremos abordar é o da cidade de Caravelas.

¹⁵ IBGE. *Anuário Estatístico do Brasil*. População Absoluta e Relativa dos Municípios Calculada para 31 de dezembro, p. 94.

¹⁶ BOLETIM OFICIAL, Município de Belmonte. Ano 18, Nº 270, 06 de fevereiro de 1943; Id. Ano 18, Nº 273, 27 de fevereiro de 1943.

¹⁷ Id. Ano 20, Nº 354, 30 de setembro de 1944.

¹⁸ BOLETIM OFICIAL, Município de Belmonte. Ano 19, Nº 285, 22 de maio de 1943; Id. Ano 21, Nº 398, 27 de outubro de 1945.



O município já estava nos planos nacionais de desenvolvimento da aviação desde o fim da Primeira Guerra Mundial. A ideia, no entanto, só se tornou realidade no contexto da Segunda Guerra. Pelo Decreto-Lei 3.463, de 25 de julho de 1941, Getúlio Vargas autorizou a construção, pela Panair do Brasil S/A, de uma série de aeródromos ao longo do litoral brasileiro, dentre eles o da cidade de Caravelas. A decisão fazia parte das negociações entre o Brasil e os Estados Unidos no contexto da estratégia de defesa pan-americana e do projeto brasileiro de rearmamento de suas Forças Armadas¹⁹.

As obras de construção do aeródromo de Caravelas, para aviões e dirigíveis, embora autorizada em 1941, começaram apenas em outubro de 1943. As instalações incluíam pistas de saibro²⁰ e hangares de chapas metálicas. Os abrigos para os BLIMPs, os esquadrões de dirigíveis da *US Navy* foram completados em 5 meses. Os trabalhos nas instalações para os aviões bombardeiros de patrulha se desenrolaram entre janeiro e outubro de 1944. Cerca de seis aviões (capacidade projetada) eram mantidos permanentemente no aeródromo.

Nesse contexto, a cidade de Caravelas ocupou certo destaque no teatro de operações de guerras conjuntas, entre o Brasil e os Estados Unidos. Sua função era servir de ponto de apoio para o deslocamento de aviões de Salvador e do Rio de Janeiro, em missões sobre o ar e dar suporte ao patrulhamento da costa. Os aviões do NATS (*Naval Air Transport Service*) usavam diariamente a base para reabastecimento e para movimentação de pessoal e carga.

Certamente o maior destaque daquelas instalações militares eram as unidades do esquadrão de dirigíveis ZPN 42. As unidades BLIMPs foram muito importantes para o patrulhamento da costa brasileira e para o combate aos submarinos do Eixo. Porém, outros tipos de missões também foram realizadas pelos dirigíveis. Em 13 de janeiro de 1945, por exemplo, o dirigível K-132, a partir de Caravelas, efetuou buscas ao avião B-26 da *US Navy*, desaparecido em algum lugar no trecho entre Vitória (ES) e Caravelas.

Com o desenrolar da guerra, a necessidade de cobertura antissubmarino era requerida cada vez mais em outros pontos e o aeródromo de Caravelas passou a ser usado mais como alternativa para emergências. Suas operações foram encerradas no dia 1º de agosto de 1945 e as instalações entregues diretamente à custódia da Força Aérea Brasileira. Atualmente desativadas, restam apenas os escombros das estruturas montadas durante a guerra.

¹⁹ HISTÓRIA GERAL DA AERONÁUTICA BRASILEIRA: da criação do Ministério da Aeronáutica ao final da Segunda Guerra Mundial. Rio de Janeiro: INCAER; Belo Horizonte: Vila Rica, 1991 (v. III), p. 381-382.

²⁰ Areia grossa em cuja composição entram grânulos maiores de pedra e que, como agregado, se situa entre a areia e o cascalho.



Os exemplos das cidades de Belmonte, Caravelas e Porto Seguro, que abordamos ao longo do texto, nos ajuda a compreender, de forma ainda muito preliminar, as formas pelas quais o maior conflito bélico da história humana atingiu a região do Extremo Sul da Bahia. De modo geral, um discurso beligerante pautado na luta pela liberdade e pela democracia, criada pelos Aliados, mas reproduzida pelo Estado brasileiro ao longo da guerra, estimulou o orgulho patriótico dos brasileiros. Reforçada pelos ataques dos submarinos alemães e italianos, a retórica de guerra difundida pelo Estado Novo mobilizou a população daquela região e deixou marcas que ainda hoje podem ser observadas no imaginário popular.

Evidência emblemática a esse respeito, é o caso do campo de aviação do Arraial d'Ajuda. Criado no início de 1939, no âmbito da comemoração dos 439 anos da chegada dos portugueses à América²¹, a inauguração do aeródromo contou com a participação de mais de 22 aeronaves, reunidas no “*raid* a Porto Seguro”. Organizado pelo projeto “Azas para Porto Seguro” – inspirado no projeto nacional “Azas Para o Brasil” –, o evento foi liderado pelo magnata das comunicações da época, Assis Chateaubriand. À época, o *raid* a Porto Seguro foi o maior evento da aviação civil de toda a América Latina.

O campo, que não é mais utilizado para finalidades aéreas, foi criado no contexto de expansão da aeronáutica civil e no âmbito das comemorações da chegada dos portugueses à América. Portanto, sua fundação nada tem a ver com a Segunda Guerra Mundial. Sua utilização no período da guerra, porém, contribuiu para a criação no imaginário social local a ideia de que ele havia sido criado para tal finalidade. E ainda hoje é assim que os habitantes mais velhos se referem ao antigo campo de aviação.

²¹ Na época, não havia a certeza sobre a data precisa da chegada dos portugueses à América. As comemorações eram realizadas no mês de maio.



Referências

Fontes

- ATAS do Conselho Municipal de Porto Seguro. Sessão Extraordinária. 01/01/1943.
- BOLETIM OFICIAL, Município de Belmonte. Ano 18, Nº 244, 15 de agosto de 1942.
- BOLETIM OFICIAL, Município de Belmonte. Ano 18, Nº 270, 06 de fevereiro de 1943.
- BOLETIM OFICIAL, Município de Belmonte. Ano 18, Nº 273, 27 de fevereiro de 1943.
- BOLETIM OFICIAL, Município de Belmonte. Ano 19, Nº 285, 22 de maio de 1943.
- BOLETIM OFICIAL, Município de Belmonte. Ano 20, Nº 344, 8 de julho de 1944.
- BOLETIM OFICIAL, Município de Belmonte. Ano 20, Nº 354, 30 de setembro de 1944.
- BOLETIM OFICIAL, Município de Belmonte. Ano 21, Nº 398, 27 de outubro de 1945.
- ENTREVISTA. José Carmo dos Santos. Arraial d'Ajuda, 20/10/2016.
- ENTREVISTA. "José X" (nome fictício). Eunápolis/Arraial d'Ajuda, 08/12/2016.
- ENTREVISTA. "Seu Hermes". Arraial d'Ajuda, 25/03/2017.
- ENTREVISTA. Benedito Ramos Cassimiro. Arraial d'Ajuda, 31/12/2016.
- ENTREVISTA. João Borges Bandeira. Belmonte, 26/11/2016.
- ENTREVISTA. Vicente Lima Bezerra. Belmonte, 26/11/2016.
- ENTREVISTA. Manoel Honorato dos Anjos. Belmonte, 26/11/2016.
- IBGE. *Anuário Estatístico do Brasil*. População Absoluta e Relativa dos Municípios Calculada para 31 de dezembro, p. 94.

Bibliografia

- ARANTES, Marcus Vinícius de Lima. *Torpedo: o terror no Atlântico*. Rio de Janeiro: Livre Expressão, 2012.
- DUARTE, Paulo de Q. *Dias de guerra no Atlântico Sul*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1968.
- HISTÓRIA GERAL DA AERONÁUTICA BRASILEIRA: da criação do Ministério da Aeronáutica ao final da Segunda Guerra Mundial. Rio de Janeiro: INCAER; Belo Horizonte: Vila Rica, 1991 (v. III).
- PEREIRA, Lourenço Durval. *Operação Brasil: o ataque alemão que mudou os rumos da Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Contexto, 2015.
- SANDER, Roberto. *O Brasil na mira de Hitler: a história do afundamento de navios brasileiros pelos nazistas*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.